



REVISTA APOTHEKE

ENTREVISTA COM LUCIMAR BELLO (LB)

**Organização e realização: Grupo de Estudos Estúdio de Pintura
Apotheke Coordenado e idealizado pela Prof^a. Dr^a. Jocielle
Lampert**

**Entrevistadores: Fábio Wosniak (FW)
Luciana Finco Mendonça (LFM)**

L.F.M.: Lucimar, olhando para nossas escolas, parece que a Educação está mais inclinada a um processo escolarização, de formação para o trabalho, de "formatação" do estudante, do que propriamente um processo de emancipação do sujeito. Diante disso, fica a impressão que a Arte não cabe mais nessa escola, nesse tipo de Educação formatada. Minha pergunta seria se a Arte, no espaço escolar, é uma resistência a esse modelo de Educação escolarizante, mas levando em conta que você trabalha muito com a reinvenção das palavras, resignificando-as, e pensando a entrevista que fizemos há pouco com Lilian Amaral¹, com quem você tem parcerias em projetos e sabendo que escrevem juntas, minha pergunta mudou, foi atualizada! Seria a Arte uma ação, um modo de reexistência no espaço escolar? Reexistência da Educação, da escola, dos professores e, conseqüentemente, para uma formação emancipatória dos estudantes?

119

L.B.: Então, isso me provoca muita coisa! Mas vamos lá, neste exercício mesmo de ficar em estado de pesquisa. Costumo dizer que não somos pesquisadores, mas temos que viver em estado-de-pesquisa. Um estado interrogante o tempo inteiro. O tempo-todo pensando.

Creio que nós temos trabalhado a existência muito na dimensão constatatória. "Penso, logo existo.", vem de Descartes. Mas nós poderíamos acrescentar outras situações. Se pensarmos na artista americana, Bárbara Kruger que tem um trabalho "Compro, logo existo.". Descartes fala em "Penso, logo existo." e



Bárbara Kruger, contemporânea, vem com uma outra frase "Compro, logo existo.". Temos trabalhado a existência neste sentido: "Eu nasci, logo existo.", "Eu sou pessoa, logo existo.", "Eu tenho 69 anos, logo existo.", "Eu sou professora, logo existo.", e essas coisas são do nível da afirmação e da constatação, apenas. Eu constato que "Tenho tanto, logo...". Isso tem uma lógica e essa lógica é super importante, mas ela comporta um certo percentual, talvez uns 50%, de ilógico. Eu não só penso e logo existo. Eu penso, duvido e não sei se eu existo! Veja, eu já colocaria outras coisas aqui e aqui. O que é existir? Não basta dizer que nasceu, existe. Não basta dizer: "Sou professora e existo.". Tenho dúvidas se sou professora, se sou artista, se estou existindo do jeito que gostaria de existir, de coisas que eu consigo fazer, de coisas que eu não consigo fazer. Então, estou o tempo inteiro em uma engenhoca. A vida é uma engenhoca!

Os budistas afirmam que a vida é sofrimento. Até concordo com eles, mas acho que não é só isso, discordo um pouco dos budistas. Por que falo isso? Porque, volta e meia, vou para os sentidos budistas, pois eles me sustentam. Ficar uma semana olhando para a parede, me obriga a colocar um monte de fichas no lugar. Quando estou muito mal, vou lá olhar para a parede e eu consigo, depois de muito desespero, colocar duas ou três fichas no lugar. Então, fico melhor por um tempo.

Minha inquietude é muito grande, pensando como artista-pesquisadora. Senão, seria profissional de outras áreas, como ficar apertando parafusos e, assim, ficar feliz. Nós, artistas-pesquisadores, não apenas apertamos parafusos, porque nós os espanamos muito rápido, ou ele está curto, ou ainda, está muito comprido. Nós temos outras formas de fazer essas engenhocas.



Quando Lilian e eu estávamos trabalhando na Barra Funda, em São Paulo, escrevemos "resistência", mas questionamos em seguida: "O que é resistir?", é o oposto de uma outra palavra. Resistência. Eu vou resistir a uma outra coisa. Mas não é só resistir, tenho que inventar o ato de resistir. Durante muito tempo eu pensei assim, uma pessoa falava uma coisa e eu já discordava - "Não, não é isso!" - é a resistência nesse mesmo lugar (uma oposição imediata). Tem uma coisa ali e eu sou contra aquela coisa, então resisto contra aquela coisa. Porém, acho que hoje não é mais assim, aquela coisa da qual eu discordo, tem umas coisinhas nela com as quais concordo. Então, não é um tom de concordo, sim ou não, é sim em alguns aspectos e não em outros aspectos. Não posso falar: "Não, eu discordo de você", mas você falou umas coisas que concordo, outras que eu tenho que pensar um pouco mais e outras que discordo. Veja que são três instâncias, umas que eu concordo, umas que eu duvido e outras que eu não concordo. E não mais aquele sim ou não. Trata-se de "e... e... e...". Bem, começamos a usar "reexistência", porque tínhamos que fazer esse exercício, todos nós, de ficarmos concordando com umas coisas, mas deixando uns buracos, umas frestas com as dúvidas que temos e outras coisas com as quais realmente não fazemos concessão.

Por exemplo, se chegar uma pessoa que fale para mim: "Não sei desenhar", "Você sabe que eu também, volta e meia, não sei", meu jeito de chegar já é esse. Antes eu falava assim: "Ah, claro que você sabe! É que você desenha de outro jeito!". Hoje eu já chego de outro modo. "Não sei desenhar.", "Eu também, volta e meia, não sei.". Apanho 'pra burro' para desenhar, porque antes me ensinaram que desenho era só um jeito de desenhar, fui convivendo com outras pessoas e sentindo a mesma sensação de "quase um desenho único, em seu modo de ser". Atualmente, começo a conversar com a pessoa e ela vai ser



acolhida pelo jeito dela, em seu não-saber-desenhar, até que ela pense que tem um outro jeito de desenhar, que ainda não tinha pensado e que talvez interesse à ela. E esse jeito, que eu também não sei como que é, ela é quem vai descobrir. E o que é isso? Talvez seja a opção e o percurso de querer ficar na Educação e na Pesquisa o tempo inteiro que nos dê essa possibilidade do diálogo, não do enfrentamento, mas da re-existência, de não ser do contra, mas de ficar em "compartilha", pensando com a pessoa aquilo que ela disse que não sabia fazer e criando juntos, outros modos de saber(es).

Então, quando você perguntou sobre a escola hoje, da questão da Arte como disciplina e que isso parece não combinar... Tem uma porção de coisas que não combinam! Aula de Arte com hora marcada. Das sete às oito da manhã, você dá aula de desenho. Tem dia que não dá para desenhar das sete às oito da manhã! Das sete às oito da manhã dispara alguma coisa que só vai acontecer no dia seguinte, então é preciso ter um tempo de acolhida para essa coisa acontecer no dia seguinte. Com isso, fica parecendo que naquele dia você não produziu nada, que você ficou apenas pensando. E aí, cadê o desenho?! O desenho está aqui (apontando para a cabeça), ainda não houve o tempo de brotar para cá (para um papel), porque tem essa engenhoca de cada pessoa, cada aluno tem um tempo.

Nós viemos de uma escola que todo mundo tinha que dar uma resposta igual. Havia uma pergunta e todo mundo tinha que dar a mesma resposta. Eu sei na pele e sofri muito, porque eu sempre dava uma resposta diferente. Durante muitos anos, achei que era burra. Na minha primeira infância e na minha adolescência, durante muitos anos, achei que tinha uma coisinha a menos do que as outras pessoas, assim para o lado da burrice, sabe?! Até o dia em que entendi, e algumas pessoas me ajudaram a entender isso, aquilo que durante a minha vida inteira me sustentou, que eu tinha um certo jeito de pensar



que era diferente. Por exemplo, na hora do recreio, eu desenhava no caderno de todo mundo. Todo mundo ia correr, pular, jogar bola e eu ficava desenhando no caderno de todos. Este era um jeito de ser diferente da meninada (que era o jeito de correr, de pular). Eu ficava quieta, assim, por horas. Daí passava alguém lá do outro lado: "Que tá pensando aí menina? Tá pensando besteira?", "Não, eu estava olhando as pessoas!". Eu ficava assim: "Passou uma de cabelo loiro pra lá e de óculos. Agora não passou ninguém. Ah! Passou um carro vermelho!". Sabe, o tempo inteiro eu ficava super atenta. Até que algumas professoras começaram a perceber que eu gostava da palavra, que era observadora, que gostava de desenhar, então, eu comecei a ser acolhida. Mas porque eu estou dando este meu exemplo? Na verdade, é para dizer que a escola, ainda hoje, quer que todo mundo responda a mesma pergunta do mesmo jeito.

Hoje, sei que existe o pensamento metafórico, mas quando era pequena não sabia. Sempre fui pelo pensamento metafórico, mesmo sem saber. Hoje, me sinto muito confortável e não é à toa que virei Artista e Professora de Arte, e não Professora de outro conteúdo. Nada contra os outros conteúdos, mas a opção de escolha foi por aí. Aposentei, mas continuo na pesquisa, continuo na FAEB, continuo na ANPAP, não saio das duas, porque é esse o modo de ficar mais inquieta e, de certa forma, feliz no mundo. E continuar inquieta dentro desse recorte.

Essa escola muito programada com notas, com respostas iguais e com temas iguais, expulsa, em muitos momentos, a potência da criação. Desse modo, o grande desafio para ficarmos dentro da escola é criar modos de cumprir as exigências da escola, se tem nota, se tem que fazer diário, se tem que registrar conteúdos, se tem que passar de ano, essas coisas todas que a escola exige, mas que são importantes. É importante que



tenhamos esses limites, mas que possamos achar uns buracos para essas outras coisas que eu estava dizendo da reexistência, de contemplar essas questões dentro dessa estrutura muito rígida da fôrma² Porque também não dá para dizer: "Acabe com a escola!", "Tem que fazer Arte fora da escola!". Não! É dentro da escola, mesmo com esses limites realmente duros e com certa maleabilidade na qual eu construa, não um diálogo, mas e sobretudo, um questionamento dessas estruturas. Por isso é que nós estamos usando essa palavra reexistência.

Durante muito tempo, fiquei brava com a palavra "ré", o prefixo "re", porque para nós, em Língua Portuguesa, é "marcha ré", é dar uma volta para trás; refazer, fazer de novo. Mas não é só fazer de novo, é fazer de novo e de um outro jeito. Então, hoje, não tenho mais essa resistência com a palavra "re", porque não a entendo mais como "marcha ré" ou fazer de novo. É fazer novamente de um outro jeito, ou melhor, nem é fazer de novo, mas fazer sempre de um outro jeito, porque o novo é aquilo que ainda não está instaurado. Nós não precisamos ter resistência perante o novo. Novo é aquilo que ainda não aconteceu. Então, é um estado de aderir, se falarmos pela filosofia, pensando em Deleuze e em Guattari, e essa corrente francesa e seus descendentes, por exemplo, Suely Rolnik e outras pessoas com as quais tenho convivido.

Podemos pensar resistência no sentido mais da imanência do que da transcendência, porque a Educação se dá no sentido da transcendência e muito pouco da imanência, daquilo que ainda não está no mundo. O que é a criação? É aquilo que ainda não existe. Aí você vê um trabalho e pensa: "Nossa, eu estou fazendo um trabalho e outra pessoa está fazendo tão semelhante!", mas não é igual. É um fluxo de energia, de potência, meio próximo, mas não é igual o seu jeito de fazer.



Fernando Augusto³ tem um trabalho que, volta e meia, nós damos muita risada, porque ele está fazendo o dele e eu estou fazendo o meu, e quando vemos, estamos fazendo coisas muito próximas. Ele e o Eriel Araújo⁴, da UFBA, também trabalham neste fluxo de mínimos do cotidiano. Eles vão trabalhando uma porção de dias, uma porção de dias, uma porção de dias e quando você vê, o trabalho está pronto. Nós temos essa pegada, embora o meu trabalho seja de um jeito, o do Fernando seja de outro e do Eriel seja, ainda, de outro jeito. O Eriel fez fotografias da Baía de Todos os Santos, todo dia da mesma janela fazendo fotografias (não sei por quanto tempo). Ele é químico e colocou essas fotografias dentro de umas caixinhas de vidro. Colocou água do mar e as fotos iam se desfazendo durante a exposição. Era super bonito! Veja, eu estava fotografando um edifício em construção em São Paulo, todo dia da minha janela, e ele lá na Bahia. Aí nós nos encontramos: "Nossa, eu também ficava fotografando!". Agora, o que eu fiz com as fotografias? Uns postais, uma trilogia de vídeo, uns cartemas, ou seja, fiz outro percurso, mas nós dois estávamos fotografando, observando da janela, ele da casa dele, eu da minha casa. Era a mesma atitude, mas o trabalho é outra coisa. A atitude de processo de trabalho é muito próxima. Fernando, escrevendo lá em Vitória, cartas para as pessoas... Todo dia uma frase (não lembro como era direito), mas eu sei, porque tenho uma carta que ele escreveu. Não sei se era uma carta por dia ou cada dia uma carta para um amigo. Mas não era carta-de-palavra, era carta-de-linha desenhada! Então, são atitudes de processualidades parecidas, mas os trabalhos, quando vão para o mundo, vão muito diferentes. E tudo isso está aí, dentro do que estamos chamando de reexistência.

A Escola precisa abrir lugares para isso, ou seja, propor uma processualidade de trabalho para todos, mas cada um vai achar seu começo e seus percursos. O começo é fotografar todo dia de



uma janela, mas cada um vai achar modos de agrupar suas fotografias (lá na frente e de jeitos diferentes). Agora, com 50 alunos em uma sala de aula, 800 alunos por semana, eu não sei como isso é possível. Aí, fico desesperada, porque temos uma porção de professores com 800 alunos por semana. Como é que você dá atenção para cada um desses 800 - $1/800$, $2/800$, $3/800$ - por semana? Você multiplica por mês, quantos encontros isso dá? Não sei como isso é possível. Então, há algumas coisas no sistema de ensino que são extremamente malucas e não sei como um professor pode dar conta de 40 ou 50 alunos em sua aula de Português, em sua aula de Matemática. Acho nosso sistema de ensino perverso!

Diante disso, penso que a nossa responsabilidade na Arte acaba sendo quilométrica, porque nela precisamos achar uns buraquinhos para essa reexistência, fragmentos em que consigamos fazer ao menos um exercício por ano com esses alunos, mas que seja tão forte que deixe marcas, como as marcas desse seu aluno⁵ que vai lá decalcar as marcas de sal, decalcar marcas de ferrugem, como eu estava aqui decalcando as marcas da colherzinha de café. Que seja apenas um exercício, mas que seja agudo e firme e fundo, que marque para a vida inteira, já é um ato mínimo de reexistência. Então, não é apenas existir, mas ficar inventando essa existência, compondo essa reexistência, e é no corpo, não é projetar para quando eu tiver tantos anos, quando eu sair, quando eu formar. É aqui e agora! A gente não sabe se tem amanhã.

F.W.: Eu tenho duas perguntas e eu vou caminhar pela Pedagogia. Como criar espaço para as Artes Visuais na formação do pedagogo? E como criar através desse projeto de formação, desse espaço, um estado de pertencimento acerca dos conhecimentos das Artes Visuais?



L.B.: Há uma coisa bem legal na sua pergunta, com a qual briguei muito tempo, o "como". Brigo muito com as palavras. Briguei, durante uma época muito grande, com o "como", "para quê", "quando", "por quê" e "quê". Todas as perguntas que começavam com estas palavras, brigava com elas. Eu falava: "Como? Assim, assim, assim.", "Por quê? Por isso, por isso, por isso.", "O quê? Isso, isso, isso.", "Para quê? Para fulano e para fulana.", "Por quê? Por isso.". Respondi! (as respostas poderiam ser curtas e sem pensamento adiante). Hoje, estou brigando um pouco menos e aquela com a qual menos brigo é com o "como". Então, quando você me pergunta "como", eu já fico mais à vontade (risos). Talvez, dessas palavras todas, o "como" não nos dê a possibilidade direta de responder. "Por quê? Por isso.", com duas palavras eu respondo. "O quê? É isso.". "O quê?" já pressupõe a resposta "É". Então, na Educação, elas são super perigosas, ainda brigo com elas. Mas o "como" instaura a possibilidade de mais conversas.

127

Você me pergunta desse espaço de pertencimento. Eu dei aula na Pedagogia durante um tempo, porque os nossos professores na UFU, em Uberlândia, que davam aula na Licenciatura, eram todos do Departamento de Artes Visuais e não da Pedagogia. Assim, volta e meia, eles nos convidavam. Em uma das vezes em que fui dar aula lá, dei a prova no primeiro dia de aula. Falei assim: "Vocês têm que fazer a prova no último dia, mas eu vou dar o tema da prova hoje.". Fotocopiei "As Meninas", de Velázquez, em preto e branco, dei uma cópia para cada aluna: "Vocês vão achar essa imagem colorida, pois ela não é preta e branca. Imprimi pequenininha por questões econômicas, mas ela não é desse tamanho. Vocês vão achar quem fez, quais são as cores, a data, o tamanho, vão achar coisas que não tem nessa fotocópia. A prova vai ser isso! Nós vamos trabalhar o semestre inteiro com "As Meninas", de Velázquez, que é o nosso alicerce. No dia final, vocês vão fazer a prova sobre "As Meninas", de



Velázquez. Eu vou fazer algumas perguntas, que agora, é claro, eu não vou fazer, mas nós estudaremos o semestre todo e, ao final, faremos a prova.". As alunas foram para a coordenação, disseram que eu era uma carrasca, que imagina o Professor de Artes, no primeiro dia, dar prova. Então, eu disse: "Não, eu não dei a prova, eu só dei o motivo da prova. Só dei o motivo da prova que é uma imagem, eu não dei a prova.". "Ah, mas a gente não vai conseguir!", "Claro que vão conseguir fazer! Vocês têm a prova no primeiro dia, daqui doze aulas vai ser tranquilo, tem tempo físico para fazer isso.". Até que as pessoas entenderam que aquilo era apenas uma provocação! Então, quando você pergunta do espaço... Por que eu dei este exemplo? Talvez nós tivéssemos que ou tenhamos que, no primeiro momento, pensar sempre em espaço como lugar de deslocamentos e não como lugar de confinamento e ou de confirmação.

Em muitos momentos, a Escola é lugar de confinamento e não de deslocamento. Então, esse espaço tem que ter fresta, é espaço com buraco, é espaço inabitado, é espaço que tem que ter des-a-locamento, des-a-colocamento, que é colocar de um jeito que não fique-certo, mas que caibam os buracos. E, penso o espaço a ser preenchido. Se eu tenho um círculo, e aí vem das brigas com os desenhos mimeografados, sendo que agora nós temos os desenhos do computador, para preencher com amarelo, vermelho, que eu fico "p" da vida, vejo os meus netos lá, volte e meia, com os programinhas desses e penso: "Ainda existe isso? Pelo amor de Deus! Só mudaram as mídias, mas a mentalidade é a mesma!". Aí eu vou lá e balanço a mão deles para sair do lugar: "Não Vovó...", "É para sair mesmo! Sua Professora tem que aprender que tem que sair do lugar!", pois se todo mundo for aprender que espaço é só habitar aqui dentro, nós estamos perdidos. Tem um monte de coisas que são assim, mas a potência da criação não é só isso, é também isso que vaza para fora,



porque, para começar, pense isso aqui (apontando um círculo desenhado no diário), isso aqui já é para lá, não para cá. Se eu chamar isso aqui "dentro", aqui é "fora". Mas eu posso chamar aqui "dentro" e posso chamar aqui "fora", posso inverter isso. Isso aqui é limite, então, o espaço é sempre limite, que tem para cá e para lá, para dentro e para fora. E é sempre esse dentro e fora, em relação. Com isso, fico pensando no espaço como a "ferida" trabalhada por Deleuze. Ele fala que a ferida é a camadinha, e o que tem daqui para dentro é o machucado, daqui para fora é o que não está machucado. Então, interessa para ele essa linha de limite da ferida, pois ela comporta o machucado que está aqui e o não machucado que está lá. É uma linhazinha tênue. O espaço, para mim, é essa linhazinha tênue.

Quando você pergunta sobre o espaço das Artes Visuais dentro da Pedagogia. Como é isso? Instaurar aquela conversa que estávamos tendo no começo, essa linha tênue, do sabido e do não sabido, entre... Vamos pensar em termos bem concretos em Artes Visuais... Vermelho dentro e fora branco. Tem uma linha que daqui para cá é vermelha, daqui para cá é não-vermelha. Daqui para cá é branco, daqui para cá é vermelho. Daqui para cá é uma cor, daqui para cá vou chamar de todas as cores, ou ausência de cor, e se eu pegar pigmentos, se eu for para cor luz, etc, posso fazer "n" exercícios, certo?! Mas é relevante sempre pensarmos essa borda que comporta uma coisa e não comporta outra, estando fora dela, mas que a constitui. Não há modos de pensarmos o espaço apenas com o espaço ocupado, que só existe, porque o que está para fora dele não está ocupado. É uma relação de interfaces. Não é só interface igual, é interface física, para cá é vermelho, para fora é branco. Mas eu só sei que aqui dentro é vermelho, porque tem essa borda entre vermelho e branco, tem esse limite, essa linhazinha



tênue, tem um espaço ocupado e um espaço não ocupado que são coexistentes, que são cúmplices.

Tinha uma conversa há uns anos atrás, quando eu participava da ANPED, depois acabei me desligando, não pude participar mais de "n" coisas, mas tinha essa conversa, talvez há uns 30 ou 20 anos, de que a Pedagogia estava sem conteúdo, sem objeto; que a Pedagogia precisava ter o conteúdo, porque os professores da Pedagogia acolhiam alunos de todos os cursos e não tinham objeto. Eu ficava escutando aquilo e ficava assim: "Gente, não acho que é assim!", sempre achava que não era assim. "Como é que você pode ser um pedagogo e não ter objeto? Que construção mais esquisita é essa?", "Ah, porque eu fico prestando serviço para as outras áreas!". Com isso, eu ficava pensando: "Prestando serviço? Também não é assim". Até que um dia, fui começando a achar que eu é que estava fora do lugar. E falei: "Vou sair, porque não dá mais."

Qual é o recorte de um pedagogo? Muito "cretinamente" vou colocá-lo dentro, como um cúmplice, da Educação, um cúmplice de ativador de distâncias educativas, vamos chamar assim. Isso é falar que não tem conteúdo? Lá você está enfiado de corpo, alma, pé, de tudo o que quiser, tudo envolto, tudo junto, está enfiado dentro do processo da Educação. O que fazia as pessoas acharem que a Pedagogia não tinha conteúdo? Talvez porque achavam que Matemática tinha um conteúdo, Português é um conteúdo, disciplinarizavam formas em uma porção de pedacinhos e esqueciam que tem uma pessoa junto nessa história. O "como", que você está perguntando sobre o espaço das Artes Visuais na Pedagogia, tem a ver com essas relações de trabalhar a cumplicidade com as pessoas, e não só com o espaço de Artes Visuais. São os espaços das Artes Visuais que estão instaurando questões nas pessoas que, por sua vez, estão ativando suas reexistências. Parece que estou enrolando, mas estou tentando dar nó em uma rede que tem muitos nós, porque



também não dá para ficar respondendo, sem fazer conexões com as coisas que vão passando na cabeça, certo?! Não podemos falar em apenas ocupar espaços, mas de como transgredir espaços (mais do que ocupá-los). Ou, também, instaurar possibilidades de potencializar espaços, mais do que constatar espaços. Nós estamos constatando muito o espaço, estamos muito na fôrma. A sociedade cultural, as questões sociais, nos colocam muito na fôrma. Precisamos pensar, des-instalar e habitar as "fôrmas".

Outro dia, estava lendo durante um voo que havia não sei quantas pessoas na fila para comprar um iPhone 6. Puxa, todo mundo tem que ter um iPhone 6?! Eu não quero ter, mas também não tenho idade para ter. Por que, de repente, tem um apelo para que as pessoas tenham aquela tecnologia nova? Porque daqui a pouquinho já vai sair o 7! Tem que ter o 6, mas já vai sair o 7, porque o 3 já não serve mais, porque já está tão atrasado com esse mundo virtual. É isso o que nos vendem. Eu conheço um monte de gente que não tem nenhum iPhone e que consegue assistir o mundo. Conheço um monte de gente que nem telefone tem! Estava em uma aula ontem, com uma colega, e todo mundo disse: "Ah, vamos criar um grupo pelo WhatsApp?", daí ela falou: "Eu não tenho.". Ela pegou o celularzinho, assim, daqueles bem antigos: "Mas o meu tem lanterna!", e botou a lanterna na cara de todo mundo (risos). Ela é novinha, tem uns trinta e poucos anos, é professora, e foi ótima, porque ela deu uma lanternada na cara de todo mundo e disse: "WhatsApp eu não tenho. Se quiser a gente monta o grupo, mas eu não vou ter o celular, nem vou comprar para poder baixar esse negócio, porque isso não me interessa.". E achei o máximo, porque não precisa todo mundo ter. Isso é uma fôrma de consumo que querem nos enfiar. Há pessoas que não querem ter e têm direito de não ter, e podem sustentar o seu não-querer. E elas não serão menos gente porque não têm. Mas a fôrma do consumo, a fôrma do



social, a fôrma da moda, são "n" fôrmas. Você precisa da beleza, agora não pode ter ruga, tem que esticar tudo, bota o botox e bota não sei o quê, não sei "os quês". Não pode ficar doente. Hoje, nós vemos esportistas fazendo propaganda de remédio, dizendo que você não pode ter uma dor de cabeça, seu organismo não pode dizer que você tem uma alergia, toma o remédio antes para não ter a alergia. Você tem "n" situações que nos enfiam em "n" fôrmas e, com isso, nós perdemos a "fôrma". Algumas fôrmas são necessárias, por exemplo, se eu quiser fazer bolo, se não cozinhar em uma fôrma antes de botar no forno, vai estragar o fogão, não vai virar bolo, aí eu preciso da fôrma. Eu preciso de limite, porque se eu não tiver limite, posso chegar aqui e passar em cima de você. Preciso da fôrma, mas eu preciso da "fôrma". E nós estamos ficando muito carentes de "fôrma" e excessivamente enformados.

Outra coisa que quero dizer, o acento diferencial caiu, não é?! Então, quando estou escrevendo e para fazer com que as pessoas entendam que estou dizendo forma, com acento circunflexo, e forma, com acento agudo, preciso escrever uma notinha de rodapé e explicar: "Eu sei que caiu, mas eu preciso do acento, porque eu não quero que a pessoa leia do jeito que ela quiser, conforme a norma. Aqui, estou falando de fôrma, com acento circunflexo, e aqui eu estou falando de 'fôrma', com acento agudo.". Ando falando: "Como sou muito antiga, posso me dar o direito de usar os acentos." (risos). As pessoas me corrigiam, iam lá e tiravam os acentos, mas eu preciso deles, porque estou falando de outro jeito e a pessoa pode ler forma (ô) ou forma (ó) se eu não usar o circunflexo. E, para mim, é diferente fôrma de "fôrma".

Bem, mas você estava falando de pertencimento. Espaço tem a ver com pertencimento, tanto no sentido de que eu tenho que pertencer à alguma coisa, como ter que escapar dessa alguma coisa. E nós vivemos em fluxo. Hoje, eu estou aqui com vocês,



nós estamos em uma rede de produção de trabalho. Daqui duas horas, nós estaremos em uma outra rede, noutra grupo que se conecta. E falo que nós vivemos em comunidades, certo?! Tem uma hora que é a comunidade familiar: "Não li seu e-mail ontem, porque meu marido estava em casa e não pude responder, porque precisei dormir para acordar cedo.". Essa é a comunidade família. Agora mesmo, comunidade de pesquisa. Daqui a pouquinho, comunidade dos "comentes", porque vamos almoçar. Daqui a pouquinho, comunidade saúde, eu vou para o hospital e fico lá internada. Nós vivemos em fluxos! Como é que podemos falar de um pertencimento único? Não tem jeito, porque cada hora você está agregado de outro jeito. Se nós estamos falando de Pedagogia, estamos falando de Educação o tempo inteiro. É o curso que escolhe como temática central o que eu penso ou não, mas eu também posso ter dúvidas. Educar-se! Não é só educar o outro, é educar-se coletivamente, permanentemente, todo mundo. Como professores, pensamos que vamos dar aula, nós receberemos muito mais do que "vamos dar". Se você prepara um conteúdo, chega lá o conteúdo amplia, multiplica. Você pensa assim: "Hoje vou por este caminho.", chega lá as pessoas te olham de um outro jeito, daí você fala: "Não! Não vou mais por esse caminho.", elas estão dando outras trajetórias, que você vai acolhendo e quando vê, já fazemos outros fluxos.

O pertencimento, o pertencer, carrega uma necessidade, mas ao mesmo tempo deixa escapar coisas que passam a pertencer, justamente, porque escaparam. Passam a pertencer, porque o coletivo criou esses escapes. Então, espaço e pertencimento tem a ver com "fórma" e com fôrma, e estamos falando de Artes Visuais. Antes, nós falamos de desenho, nesse sentido ampliado, desse trabalho que está no mundo, de decalcar marcas, de coisas mínimas. Coletar neblina, coletar água, fazer fotografia e revelar maravilhosamente bem, para depois botar água do mar, deixar isso lá e a água do mar ir corroendo



essa fotografia. Me lembro que eram umas caixinhas, com fotos de 10x15cm. Cada uma tinha um tanto de água, umas tinham mais, outras tinham menos. Assim, a que tinha menos água corroía durante um tempo, a que tinha mais água corroía durante mais tempo, porque a água é salgada e ele é químico - estamos falando novamente do trabalho do Eriel. Ele sabia o que estava fazendo. Ele não estava fazendo um trabalho ligeiro, mas um trabalho que tem a ver com poluição, tem a ver com a Baía de Todos os Santos que não é poluída, tem a ver com a janela da casa dele, tem a ver com o passante, tem a ver com o turista, tem a ver com a química, tem a ver com as Artes Visuais, tem a ver com ficar durante 365 dias (eu acho), todos os dias, fazendo uma fotografia para depois colocar na água e desmanchar. O que é isso? Ficar um ano inteiro fazendo uma coleção de instantes, depois coloca-los na água para que ela desmanche esses instantes? Que raciocínio é esse? Do frágil, do que não dura, do efêmero, mas também do programinha de um ano, desse limite formal, estruturalista, para depois ser desmontado, esse informal, esse diluente, esse frágil, que vira "uma outra coisa". Não sei o que virou este trabalho, hoje. Não sei onde estão as caixinhas, mas fiquei curiosa agora que voltei a pensar no trabalho.

F.W.: Lucimar, você diz o seguinte "A Arte é manifestação de um sujeito que se faz ver e nos mostra, por sua produção, uma sujeitidade, uma pessoalidade e uma coletividade", isso está no "Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte", de Ana Mae Barbosa. A partir disso, como articular propostas ou projetos educativos em Artes Visuais na escola atual, que permita ou possibilite aos sujeitos a compreensão de si no mundo? E que "caminhos" você instalaria como relevantes para que esse processo tenha iniciativa nas escolas de Educação Básica? Eu



tenho me debatido sobre essa compreensão de si, sobre essa compreensão do mundo.

L.B.: Só Educação Básica você está pensando?

F.W.: Sim, porque estou focando sobre o Pedagogo.

L.B.: Certo! Eu perguntei isso, porque essas nomenclaturas e definições sobre Educação Básica podem ser extremamente amplas. Para mim, vai além da Básica, porque diz respeito a um tempo físico muito grande. Você considera desde os 5 ou 6 anos... é muito tempo físico. É muita diferença, não apenas em idades cronológicas, mas em idades mentais, criadoras, para colocarmos em um bloco só. Então, eu estava tentando, para pensar a resposta, fazer esse exercício de criar alguns campos.

135

F.W.: Neste caso, podemos pensar apenas na Educação Infantil.

L.B.: Melhor! Porque a Educação Básica é muito longa. O universo de interesse, o universo de um adolescente, de um pré-adolescente, é muito diferente de uma criança de 5 anos. É a mesma pessoa, mas em distâncias quilométricas entre modos de ser, entre modos de existir, modos de pensar, mesmo de preparo físico. Um adolescente está em um fluxo completamente diferente de uma criança de 3 ou 4 anos. Então, vamos pensar a Educação Infantil para essa sua pergunta. Façamos este "recortezinho", até mesmo para fazermos esse exercício.

Quando você estava aí lendo coisas que eu escrevi... volta apenas aquelas três palavrinhas...

F.W.: Sujeitidade, pessoalidade e coletividade.



L.B.: Isso! Então, quando você fala da compreensão de si e do mundo, isso me remete à Virgínia Kastrup. Ela é uma pessoa que me deu um alicerce muito grande para pensar a atenção. Virgínia (não sei se ela fez o doutorado) no Núcleo de Estudos da Subjetividade, volta e meia está por lá, e a Suely Rolnik tem convidado a Virgínia para muitas falas. Acabei ficando amiga da Virgínia e foi ela que me deu esse parâmetro de que não existe desatenção. Eu nunca tinha pensado nisso. Primeiro, ela pensa invenção como cognição. Acho isso legal. A invenção é cognição, isso também foi a Virgínia que me ensinou. Invenção e cognição estão juntos, pregados. Não é um depender do outro, não. É pregado! Não estou falando de um inventar metafórico. Estou falando de invenção e conhecimento pregados. Cognição junto com invenção. A invenção de si no mundo, e ela diz que não existe desatento, quando eu estou aqui mexendo o meu suco e parece que eu não estou vendo você, estou aqui mexendo o meu suco, mas pensando sobre um texto que eu quero escrever de como fazer um suco de hortelã com abacaxi que seja no ponto, nem muito abacaxi, nem pouca hortelã, nem muito gelo, nem muito açúcar. Quatro coisas. Como eu misturo essas quatro coisas para dar um suco que a maioria das pessoas goste? Estou aqui pensando isso, vocês estão aí falando. Parece que eu não estou escutando vocês, e não estou mesmo, porque minha atenção não está na pergunta que você me fez, mas no suco e no que eu quero escrever, em como juntar essas quatro coisas e como fazer um suco que a maioria das pessoas goste. Estou desatenta aqui. Eu despluguei de "um lá", para plugar "num aqui, agora, já".

Em muitos momentos, na sala de aula e com os grupos coletivos, parece que uma pessoa está desatenta, porque ela está com sua atenção voltada para outro foco de interesse. Então, na sala de aula, considerando que estamos falando do público da



Educação Infantil, passa muito por aí. As crianças dessa faixa etária estão muito mais ligadas às descobertas do mundo, muito mais à "fórma" do que à fôrma. Ultimamente, nós estamos muito mais enformatados do que a relação da "fórma" que as crianças estão descobrindo no mundo. Primeiro, sai daquele plano bidimensional e começa a engatinhar. Está na cama, está no colo da mãe, está deitada aqui e começa a descobrir as coisas. Quando começa a engatinhar, começa a pegar nas pernas das cadeiras, começa a andar, começa a descobrir que o mundo é vertical. Aí começa a descobrir que o mundo é redondo. E que ver daqui até ali... anda... e o ali já sumiu, porque tem um outro ali para frente. Vai descobrir a linha do horizonte. Vai descobrindo que tem uma porção de coisas... que o cheiro da mãe não é o mesmo no mesmo dia, que o comportamento do colega não é o mesmo do dia anterior. Vai descobrindo o mundo, vai descobrindo, vai descobrindo, até entender que tem uma complexidade e não apenas uma linha reta e uma linha vertical. Então, essa descoberta leva um tempo. As crianças vêm dessas descobertas quando chegam na e da escola. Começam a descobrir a sexualidade. Alguém dizia, não me lembro agora quem é o teórico que falava isso, que as crianças de 3 e 4 anos são os pequenos masturbadores do mundo. A primeira vez que eu vi isso, disse assim: "Cruz-credo!", mas é mesmo. É quando as crianças começam a descobrir que mexer no sexo dá um tesão e isso traz uma possibilidade desconhecida até então. "Mas como? Já?", "Já, não! A criança já nasceu, já existe!". É preciso dar a existência para ela, não tem que esperar ela querer-re-existir. Nós, em nossas "adulthoods", é que estamos pensando em não se tratar de um ser humano, pensando uma criança como uma miniatura. Trata-se de uma pessoa-pequena que existe, já nasceu, a sexualidade está ali, já nasceu com ela, a sexualidade nela existe. Não precisa esperar 10 anos ou 11 anos para alguém mexer no seu sexo para lembrar que existe.



Opa! Isso seria muito tacanha e muito canalha para consigo e para com o outro. Então, essas relações todas, físicas, emocionais, em todos os campos, idades e momentos estão, também, ancorando a criação. Corpo e criação não estão separados, muito pelo contrário, são constituintes de Uma Pessoa.

Quando Virgínia fala sobre invenção de si no mundo, ela não está falando somente de um comportamento e de uma atitude. Ela está falando da pessoa que se inventa-inteira, permanentemente, consigo e com os outros. São inteirezas compartilhadas. É corpo-inteiro. Não dá para dizer: "A invenção vai daqui para cá.". A invenção sou eu com essa confusão inteira, o tempo todo. É uma grande proliferação e é permanente. Pensar na escola, pensar nesse sujeito, pensar nessas crianças da Educação Infantil (nesse recorte que fizemos) - se chamarmos ao invés de sujeitos, mas nominarmos como sujeitos- numa-criança - e colocá-los neste universo de descoberta do mundo e de mundos, temos que possibilitar para eles, o tempo todo, descobertas de mundos na Arte e na Vida. Eu não sou professora dessa faixa etária, nunca fui, mas adoraria ser hoje. Não serei, porque também adoro viajar e acharia um desrespeito assumir um grupo sabendo que iria viajar a toda hora; que você iria escapar. Então, não se assume se você vai escapar, mas eu adoraria! Sempre fui professora, desde 1966. Naquela época, de quarta série para cima até o mestrado, no qual fui orientadora. Depois, aposentei e estou fora do processo oficial da Educação. Essa faixa que nós estamos considerando da Escola Básica, reportando às séries iniciais, percebo que a potência está muito viva, que o atrevimento está muito possível. As crianças são muito levadas, são muito espertas, são muito falantes, elas atravessam o tempo inteiro e nós ficamos querendo enfiá-las em outros lugares.



Outro dia, vi uma aula de informática para um grupo de crianças entre 4 e 5 anos. E qual era a aula de informática? Um telão passando uma imagem daqueles porquinhos cor-de-rosa... Pepa, e que agora em todos os lugares tem Pepa. Não aguento mais ver Pepa. Em tudo quanto é lugar que vou... pequeno, grande, de plástico, fofo, mole, duro... não precisa, não é?! Não precisa. Nessa aula de informática, as crianças estavam todas sentadas no chão e todos olhando a Pepa Pig. Isso é aula de informática? Ah, faz favor! Deu uma vontade, mas não posso falar, porque não estou na escola. Eu só passei por lá e não tenho direito de falar nada, mas me deu uma vontade de falar assim: "Gente, não faz isso não. Não chama isso de aula de informática. Isso não é aula de informática.". Lá no plano da escola estava escrito... E a professora que nos guiava dizia: "Agora a gente vai passar na aula de informática!". Eu ficava arrepiada, queria ir embora da escola correndo, porque isso é uma mentira para as crianças, isso é uma mentira para os pais das crianças, isso é uma fôrma muito cômoda de puxar para o que poderíamos chamar de des-educação. "Agora, nós vamos ver um vídeo.", pelo menos sejam honestos. "Vamos ver a Pepa Pig.", dá nome para a coisa e pronto e acabou! Que, aliás, nem precisa passar na escola, porque as crianças já veem demais, em todos os lugares. Na escola deveriam ver e viver outras coisas, camadas de vida-inventiva. E perceba que era uma escola dita "boa". Não era uma escola qualquer. Era uma escola renomada, tanto que seria muito mais interessante, penso eu, que as crianças estivessem lá... "Vamos desenhar no espaço, vamos pular!", vamos fazer alguma coisa que pelo menos os corpos estivessem em sua potência de criação, do que ficar sentado vendo algo que elas já estão cansadas de ver. Ou ficar lá reproduzindo o alfabeto em inglês, que se escuta em algum desenho, porque também tem isso, um desenho que fica ensinando a mesmice. Tenho neto



pequeno, estou convivendo com essas coisas, na escola e na família.

Outro dia, minha neta de 12 anos tinha que fazer uma "crítica literária". Ah, eu olhei aquilo e perguntei para ela o que era uma crítica literária: "Ah, vovó, é pra gente ler um texto e escrever o que a gente entendeu.". Falei: "Ai, que dó.", é muito peso para uma criança de 12 anos. Não mente para ela, porque ela não está fazendo uma crítica literária. Menos é mais! E a escola tem que ser menos para ser mais! Nós estamos muito cooptados por essas fôrmas e reproduzindo as fôrmas, sem pensar na potência e nas "fórmãs".

Para se trabalhar com crianças, preciso saber o que são as crianças e, acho, um curso de Pedagogia faz isso, porque quando lá se dizia que não tinha objeto, eu ficava assustada: "Como não tem objeto? Estão sem conteúdos? Os cursos de Pedagogia estão sem conteúdos?". Os conteúdos são as pessoas educáveis, daí falar que estão sem conteúdo... "Estão sem as pessoas? Eu não estou entendendo!". Mas era desse tipo de conteúdo que estava sendo dito, Artes Visuais tem esse tantinho para cumprir, Matemática tem esse tantinho para cumprir, Português esse tantinho para cumprir, e a pessoa inteira?

Quando você pergunta sobre a relação, nas Artes Visuais, da sujeitidade, pessoalidade e coletividade, me lembro de Deleuze, de Guattari, da Suely Rolnik. Penso em um sujeito que fica permanentemente se inventando. Não um sujeito-dado ou dotado disso ou daquilo. Desse modo, a sujeitidade seria uma tentativa de não ficar no sujeito, mas voltar o sujeito para com sua idade, um contexto, uma ambiência, sua etnia, suas ancestralidades. Hoje, colocaria no plural, um "s" entre parênteses - sujeitidade(s). Isso era a tentativa de já pensar um sujeito permanentemente em estado de invenção. Permanentemente, independente de ser criança, ser adulto, ser



professor, ser aluno, ser Educação Básica, se esse recorte da Educação Infantil, independe o instante da vida.

Pessoalidade, isso foi uma conversa com o Marcos Vilella, que cria essa palavra para dizer do estado de ser pessoa, permanentemente se inventando. Eu não sou uma pessoa que fica pronta, ninguém fica pronto! Não tem jeito de ficar pronto, nem jeito de acabar. Dizem que quando morremos, acabamos. Mas isso apenas fisicamente, porque as nossas coisas continuam a menos que queimem tudo. Mesmo assim viramos cinza. Então, não tem jeito de queimar tudo, porque algumas pessoas já levaram algumas coisas que são suas, não tem jeito de destruir, nem que queimem. Podem queimar tudo aquilo que está comigo, mas aquelas outras coisas - em nosso caso, por exemplo, nós que escrevemos, os textos andam - como é que vão pegar tudo o que você escreveu e que alguém copiou, que alguém memorizou? Não tem jeito, não acaba. Nós, pessoas, não acabamos. As pessoas não acabam. Elas estão sempre "em-se-fazendo". Isso parece um português esquisito, "em-se-fazendo", mas não tem jeito de falar diferente. A pessoa que vai "se-fazendo", não é a que vai "si fazendo". Uma pessoa que "se faz", não é a que "si faz". Uma pessoa "em se fazendo", não é "em si fazendo". É "em se", ela pode fazer, eu posso fazer; não é fazendo "em si mesma".

E a coletividade é esse trabalho colaborativo, ninguém existe sozinho. É colaborativo, compartilhado. Lilian⁶ e eu, usamos "compartrilhas". Me lembro que estava escrevendo um texto para a ANPAP, há dois anos atrás, e que escrevemos juntas. Depois, fomos para as agências de fomento, tentar conseguir passagem. Cada uma fez seu texto. Nós fizemos uma introdução conjunta, mas com um miolo completamente diferente. A introdução era bem pequenininha e igual, um miolo muito diferente (cada uma de nós com seus percursos), e uma conclusão bem pequenininha, também igual, pois construímos juntas o começo e o final (em



muitas horas de trabalhos, conversas e inquietações). Na hora de apresentar, o fizemos também juntas. “Eu falo isso, você fala aquilo.”. Nós fizemos uma apresentação juntas, porque era “compartrilhar” o texto. Nós escrevemos juntas, pedimos para nos colocarem uma depois da outra durante a apresentação e, na hora de falar, nós somamos o tempo das duas e vivemos juntas esse estado-de pesquisa-em ato, mesma situação na ANPAP, que é uma associação de pesquisadores-em arte. Ao invés de ser uma e outra, fomos as duas-juntas. Os vinte minutos para cada pessoa, nós juntamos em quarenta e apresentamos com-juntas (separado). Por que eu estou dando este exemplo? Porque essas frestas, seja no meu plano de aula, lá numa prestação de contas, no papel “oficial” com suas exigências, eu coloco que os alunos preencheram os papéis com tinta vermelha, agora, “como” vou fazer isso... deixa acontecer na aula. Se se borrarem inteiros de vermelho, leva uma tinta lavável e vai tomar banho, passa pano, limpa, mas eu não vou escrever isso. Isso não vai ser legal escrever, porque vão dizer que não estou dando aula. A tinta está no corpo, porque não está no papel. Não! A tinta está no corpo, porque é no corpo, não é no papel. Isso é a nossa visão. Contudo, para o outro lá, tem que ser no papel, então nós escrevemos que só colocamos tinta no papel. Claro que não é tão simples assim, é bem mais complexo, mas é só para termos claro a que estou me referindo.

O suporte, que é um cúmplice, é o corpo. Mas eu escrevo que foi o papel. As pessoas querem medidas de 30x40cm, eu coloco lá tudo o que eles querem. E aceitam! Assim, sou um ótimo professor, sou bem avaliado, eu preencho tudo! Mas, no fundo, nada nem 30cm, nem 40cm, nem tinha papel, tinha folha. Coube todo mundo, foi aquela meleca total, mas todo mundo ficou bem. E é nessa relação que penso a atenção, trabalhada pela Virgínia Kastrup. Não é só ela que está pensando a atenção e a invenção de si, mas a maneira como ela escreve, trouxe, para



mim, muito aconchego de entender a invenção de si no mundo. Mas eu também colocaria a invenção de si e de mundos outros. Lembra quando eu estava falando das comunidades? Que uma hora eu sou a comunidade de família, outra hora eu sou a comunidade hospitalar. Como é que eu agito a invenção na minha comunidade hospitalar, na minha comunidade familiar, na minha comunidade mestrando, esse estado permanentemente de pesquisa, de invenção? Como é permanentemente, nós agitamos os mínimos grãozinhos no lugar onde nós estamos?

Nesse dia em que passei lá na escola e vi a aula de informática, não tive jeito de agitar nada e isso me afeta até hoje. Qualquer dia, sou capaz de voltar lá, querer visitar a Escola novamente. Tem horas que não dá para você atuar naquele lugar, isso é extremamente angustiante, porque nós teríamos que atuar, ainda mais quando você vê que em um espaço denominado de Educação, a compartilha e a potência da criação estão esvaindo.

143

Uma outra coisa que talvez falte na escola, na Educação Infantil, é a escuta. Temos que escutar as crianças. As crianças sabem propor e as crianças têm umas coisas deliciosas, quer ver? Tenho um sobrinho, hoje já é grande, mas quando pequenininho, dizia duas coisas, aliás vou contar três: "Eu não gosto de frango com caroço, nem de leite com semente.". Frango com caroço o que é? Frango com osso. E leite com semente? É leite com nata. Mas não é lindo?! Poxa, você escuta isso de uma criança e pensa: "Ah, eu vou desenhar um frango com caroço!". Se ele vai desenhar frango ou não frango, com caroço ou sem caroço, você tem que ver o que ele entende dessa junção de palavras e vai fazer o desenho. Escutar isso em uma aula é um prato cheio para colocá-los para desenhar. E o que vai sair? Eu não sei, eles têm 5 anos, 6 anos, eu não sei o que "vai sair", mas ele me deu essa dica. Aí tem um outro exemplo. Ele estudava o vencimento das coisas e



perguntou: "Todas as coisas vencem?", aprendeu na escola que as coisas têm validade. Chegou em casa, na hora da refeição e disse: "As coisas vencem.". "Ah, pão vence? A pasta de dentes vence?", "Isso vence?", "Vence.", "Isso vence?", "Vence.", "E a água vence?", "Vence.", "Ah, então a vovó também venceu, né?!"... A avó tinha morrido e "ido para o céu". Não é demais?! Então, "A vovó também venceu, não é?!", poxa, se uma criança fala isso em uma aula, eu vou desenhar a avó que venceu, porque é muito lindo! E, então, a vó morreu e ele continua: "Cadê a porta do céu?", "Como assim, cadê a porta do céu?", "Ah, disseram que a vovó morreu, foi para o céu, mas céu não tem porta!", então você desenha a porta: "Vamos desenhar a porta do céu?". Imagina que desenhos lindos a partir da porta do céu?

Há pouca escuta de um pensamento metafórico. E que, às vezes, parece que enquanto você está trabalhando um determinado conteúdo, a criança fala uma dessas e parece que isso é de fora, que ela está desatenta. Que nada! Ela está no que ela viveu e está nela acesa, está dando uma pista do cotidiano dela, de alguma coisa que ela associou, de alguma fresta que brotou e nós não acolhemos esse brotar, esse brotamento. A Virgínia Kastrup trabalha a des-atenção de uma forma maravilhosa! As crianças têm esse pensamento metafórico extremamente ativado, de uma forma potente, intensa e linda!

Notas

¹ Lilian do Amaral Nunes é Artista Visual, Pesquisadora, Curadora Independente e Professora, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, Faculdade de Artes Visuais, da Universidade Federal de Goiás.

² Conforme o Novo Acordo Ortográfico, de janeiro de 2009, o acento circunflexo diferencial para o vocábulo fôrma passou a ter uso facultativo. Assim, podemos escrever fôrma ou forma (ô). Algumas pessoas defendem a continuação do uso desse acento diferencial, mas outros acreditam que é possível fazer a diferenciação pelo contexto. Desse modo, apenas no caso de gerar ambiguidade no texto é que o acento deve ser utilizado. Nesta entrevista, decidimos manter a utilização do acento para diferenciarmos os vocábulos fôrma de forma (ó), tendo em vista o próprio sentido desse modo



REVISTA APOTHEKE

de escrita para a Artista Professora Lucimar Bello. Adiante, ela mesmo explica os motivos desse uso.

³ Fernando Augusto dos Santos Neto, Artista e Professor do Departamento de Artes Visuais, da Universidade Federal do Espírito Santo.

⁴ Eriel de Araújo Santos, Artista e Professor do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, da Escola de Belas Artes, da Universidade Federal da Bahia.

⁵ Referindo-se à prática artística de Leandro Serpa, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/ UDESC, durante os anos de 2013 e 2015, sob orientação da Prof^a Dr^a Jocielle Lampert.

⁶ Lillian do Amaral Nunes.